

# QUESTÕES DE GÊNERO E A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB<sup>1</sup>

Valburga Schmiedt Streck<sup>2</sup>  
Marcia Blasi<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste estudo olhamos para a questão de gênero, em especial ao espaço que as mulheres tiveram dentro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. Especial atenção é dada às formas como as mulheres contribuíram na construção da igreja, às redes de apoio que formaram em diversas épocas da história e ao empoderamento em relação às questões de gênero. Observam-se o espaço da mulher no estudo da teologia e seu desempenho nas comunidades como obreira bem como leiga e sua contribuição na reflexão teológica que influenciou a espiritualidade e a teologia e trouxe mudanças significativas para políticas de gênero dentro do âmbito eclesial, bem como da sociedade maior. De forma breve, abordamos a questão da homossexualidade, um assunto controverso, e as perspectivas e entendimentos em relação ao assunto. O texto aponta para os desafios que são trazidos pela sociedade atual que exigem que também os homens sejam envolvidos na discussão de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero. Mulheres. IECLB. Ministério.

## *Issues of gender and the Evangelical Church of Lutheran Confession – IECLB*

**Abstract:** In this study we try to look at the issue of gender, especially at the space that women had in the Evangelical Church of Lutheran Confession – IECLB. Special attention is given to the ways in which women contributed in building the Church, to the different networks they had throughout the Church's history and the empowerment that happened in relation to gender issues. Attention is given to the space that women had in theological studies and their work as clergy and lay in the parishes and the important contribution in the theological reflection that has influenced spirituality and theology and brought changes in gender policies in the Church, as well as in larger society. Briefly, the issue of homosexuality, a controversial subject, is raised and commented about the perspectives and the understandings in relation to it. The text points to new challenges brought by contemporary society which demand that men also be involved in the issue of gender.

**Keywords:** Gender. Women. IECLB. Ministry.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 10 de agosto de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 10 de agosto de 2009.

<sup>2</sup> Professora de Teologia Prática e Aconselhamento Pastoral na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS. valburgas@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Pastora ordenada da IECLB. Possui Mestrado em Teologia na área de Aconselhamento Pastoral. Retalhos13@hotmail.com

## **Introdução**

As mulheres são parte da história do luteranismo no Brasil desde o início da imigração alemã. Além de arados, machados e enxadas, as famílias de imigrantes trouxeram também Bíblias, hinários e o Catecismo Menor de Martim Lutero. Condições de vida difíceis, um clima estranho e a saudade da vida deixada para trás uniram as famílias ao redor da mesa para ler a Bíblia, cantar hinos e transmitir a fé cristã às crianças menores. A vida não era fácil e as mulheres tinham um papel importante a preencher: o de criar os filhos, cuidar da casa e trabalhar no campo. Além disso, as mulheres mantiveram e passaram adiante as tradições luteranas e alemãs.

Neste estudo, ocupamo-nos com diferentes grupos que, no passar dos anos, dedicaram-se ou não a questões de gênero, a maioria grupos de mulheres, que de um jeito ou de outro contribuíram para o que a IECLB é hoje. A palavra “gênero” tornou-se parte do vocabulário teológico nos últimos anos graças principalmente aos estudos da teologia feminista e ao trabalho das mulheres na igreja. Deve ser mencionado que dois aspectos importantes chamaram a nossa atenção. Primeiramente, o fato de a literatura sobre gênero na IECLB ser pouca e limitada: sempre se atendo a um ou outro grupo ou organização na igreja. Para a realização deste estudo, apoiamos-nos principalmente em pesquisas e reflexões realizadas anteriormente. Nesse sentido, observamos que o trabalho e a organização de muitos grupos não podem ser incluídos neste estudo, principalmente por não haver literatura disponível sobre o trabalho realizado.<sup>4</sup> Com isso, a valorosa contribuição e o trabalho de muitos grupos não foram aqui mencionados; no entanto, esperamos que isso possa ser uma contribuição e um incentivo ao interesse de outras pessoas pelo estudo e valorização desses aspectos. Em segundo lugar, notamos que a história da igreja é contada através dos elogios aos esforços e ao trabalho dos homens. Isso é algo comum na história, como já sabemos, e que infelizmente se repete na IECLB. Quando olhamos mais de perto, podemos ver os diferentes pastores e professores que receberam honrarias e placas comemorativas pelo seu trabalho, enquanto que praticamente nunca encontramos esse tipo de gratidão a uma mulher que foi importante na construção da igreja. Lendo documentos das organizações de mulheres e escutando os seus testemunhos, temos uma narrativa bastante diferente e nos surpreendemos com o imenso trabalho feito pelas mulheres na construção da IECLB – seus templos, salões comunitários, escolas e hospitais, assim como sua narrativa e sua teologia. Fazendo isso, elas nos contam outra parte dessa história.

Dividimos o texto de acordo com os diferentes grupos existentes dentro da IECLB, iniciando pela OASE – a maior organização luterana de mulheres, que logo comemorará seu 110º aniversário de fundação e que tem suas raízes no início

---

<sup>4</sup> Destacamos aqui o importante trabalho realizado pelo CAPA na área de medicina caseira, alimentação orgânica e agroecologia, bem como o trabalho do Movimento das Mulheres Camponesas, PPL Mulheres.

da imigração alemã. Ligada a esse grupo, expusemos a história e as atividades da Irmandade Evangélica Luterana – Casa Matriz de Diaconisas. Uma pequena lembrança é feita ao papel da “esposa do pastor”, idealizada através do romantismo do século XIX e introduzida nas nossas comunidades pelas famílias dos pastores alemães. Logo após, atemo-nos à entrada das mulheres na educação teológica, o que acontece numa época em que importantes mudanças sociais estavam acontecendo – a ditadura militar na América Latina, os movimentos em prol dos direitos humanos e de justiça social, o feminismo nos Estados Unidos e na Europa e o desabrochar da teologia de libertação.

Neste estudo, concentramo-nos no trabalho das mulheres no pastorado. No entanto, temos consciência da importância do trabalho das mulheres nos outros ministérios da igreja: as catequistas, as diáconas, e mais recentemente as missionárias. Antes mesmo de as mulheres entrarem nos estudos teológicos, havia uma forte ênfase no preparo de professoras para educação religiosa nas escolas e em comunidades. Durante décadas, houve diferentes tentativas de oferecer essa educação. As pessoas que se propuseram a realizar esse trabalho eram chamadas de catequistas, trabalhando em conjunto com os pastores. Em outro nível, também houve um debate de poder entre os pastores e os outros ministérios, o chamado “pastorcentrismo”. Mulheres catequistas só eram aceitas se não colocassem em risco a autoridade dos pastores e se concordassem em ficar “em seu lugar”, ou seja, subordinadas ao pastor. O mesmo provavelmente pode ser dito sobre as diáconas. Há muitas pesquisas que precisam ser feitas sobre como as mulheres nesses ministérios foram e são aceitas nas comunidades, sendo que a ordenação para esses ministérios foi aprovada pela igreja muito depois da ordenação das pastoras.<sup>5</sup>

Pudemos observar o florescer dos debates sobre mulheres e gênero nos últimos anos, contribuindo para uma nova perspectiva teológica na IECLB. O resultado dessas mudanças foi o surgimento de novos fóruns de discussão e de políticas para a igreja, além das contribuições para a sociedade civil através do engajamento dos grupos de gênero. Olhando para o futuro, vemos que o novo milênio nos traz novos desafios, dos quais falaremos nos nossos comentários finais.

## OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas

A OASE é a maior organização feminina na América Latina e completou 100 anos de existência em 1999.<sup>6</sup> Estima-se que a OASE congrega aproximadamente 40.000 mulheres em todo o Brasil. Essa organização feminina teve seu início com vários grupos menores de mulheres que, no decorrer do tempo, foram se organizando nas diferentes comunidades da igreja luterana. Os inícios estão relacionados com

---

<sup>5</sup> Está sendo realizada uma pesquisa com obreiras da IECLB por Ligiane Müller Fernandes e Márcia Paixão, que certamente trará um novo olhar sobre a mulher no ministério ordenado.

<sup>6</sup> O primeiro grupo foi fundado em 1899, em Rio Claro/SP.

as raízes da igreja luterana no Brasil nos séculos XIX e XX, principalmente com a vinda dos primeiros imigrantes ao país. O principal motivo para o encontro das mulheres era juntar forças para servir a igreja. A OASE pode ser considerada um movimento conservador de mulheres, que apoiou as mulheres no sistema patriarcal. Ao mesmo tempo é reconhecida como um movimento significativo na construção e no desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Lamentavelmente não há muita literatura sobre essa organização feminina, além de manuais, boletins e algumas reportagens. Para a comemoração dos 100 anos houve uma publicação de grupos da OASE conduzida pela jornalista Sybila Baeske, e é como uma “colcha de retalhos”, que junta pedaços dos vários grupos.<sup>7</sup> Conforme Baeske, as origens do movimento de mulheres na igreja, ou de mulheres trabalhando para servir Cristo, podem ser buscadas em Maria sentada aos pés de Jesus, escutando e seguindo seus ensinamentos.<sup>8</sup> Muitas mulheres imigrantes já tinham tido uma experiência com grupos de mulheres servindo e sendo testemunhas como discípulas na sua igreja local na Alemanha. Um desses exemplos data de 1888, quando a imperatriz alemã Auguste Victoria fundou a Sociedade Beneficente da Igreja Evangélica com o objetivo de apoiar financeiramente a igreja para alimentar e ajudar a população urbana, que crescia rapidamente. O resultado desse engajamento foi mulheres ajudando as pessoas pobres, as enfermas e, ao mesmo tempo, educando e ajudando as mães. Esse trabalho das mulheres influenciou um dos mais significativos trabalhos realizados pelas diaconisas, que chegaram ao Brasil em 1913 e que, por sua vez, trabalharam com crianças, pessoas idosas, enfermas, comunidades e na educação.<sup>9</sup>

Geralmente o encontro de mulheres em comunidades acontecia sob a liderança da esposa do pastor e, é claro, sob a orientação do (marido) pastor. A esposa do pastor geralmente tinha educação musical e também em trabalhos manuais e podia transmitir para as mulheres noções básicas, enquanto que o pastor conduzia a orientação religiosa nas reuniões, que aconteciam muitas vezes na casa pastoral.

Em 1899, foi criado o primeiro grupo de OASE em Rio Claro, São Paulo. Essa data coincidiu com a Proclamação da República do Brasil, data que marca a separação do Estado e da Igreja. Muitos outros grupos de mulheres foram criados pelas imigrantes alemãs, e a cultura e os costumes do país de origem tiveram grande influência no cotidiano dessas pessoas. Como muitas comunidades precisavam de dinheiro para construir seus templos, centros comunitários, escolas e hospitais, os grupos de mulheres foram desafiados a ajudar a construir suas comunidades e a conduzir o trabalho social que o Estado não tinha condições de providenciar. Isso

---

<sup>7</sup> Confira BAESKE, Sybila. **Retalhos no tempo**. 100 anos da OASE – 1899-1999. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

<sup>8</sup> BAESKE, 1999, p. 11.

<sup>9</sup> As primeiras diaconisas chegaram a cidades do Rio Grande do Sul e a Florianópolis e Blumenau/SC. Veja BAESKE, 1999, p. 9.

resultou em um ativismo, deixando de fora a perspectiva da edificação da comunidade cristã.<sup>10</sup> Em resposta a isso, uma nova orientação foi imposta para o grupo de mulheres: nenhum grupo de mulheres da igreja luterana poderia acontecer sem estudo bíblico, cantos e orações, “pois somente o espírito de Jesus Cristo, o espírito de amor, pronto para servir leva a uma ação alegre com investimento de tempo e sacrifício”<sup>11</sup>.

Em 1930, vários grupos de mulheres foram constituídos no país. Em 1940, durante a Segunda Guerra mundial, a língua alemã foi proibida no Brasil e os grupos de mulheres tiveram que traduzir seu nome de *Evangelische Frauenhilfe* para *Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas*, ou OASE.<sup>12</sup> Em 1955, a OASE adotou o Dia Mundial de Oração do Conselho Mundial de Igrejas. Olhando para trás, podemos perguntar se a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil existiria sem todas as peças da colcha de retalhos costurada pela OASE.

Em 1960, quando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi fundada – IECLB, a OASE foi desafiada a buscar uma coordenação nacional, mesmo que ainda ficasse organizada em regiões. Em 1970, foram organizados seminários nacionais com o propósito de discutir e planejar assuntos de interesse comum. Em 1978, o Conselho Nacional da OASE foi formado para planejar e organizar encontros das mulheres das cinco regiões da IECLB. Depois do Congresso Nacional da OASE, novas ações aconteceram, tais como a aprovação de um regimento unificado, que ajudou a dar orientação aos diferentes grupos nas comunidades. O importante aqui foi a publicação do *Boletim Informativo*. Um ano mais tarde, veio a publicação *OASE: Quê? Como? Guia de Comunhão, Testemunho e Serviço*, que serviu de orientação para os grupos. O programa de rádio denominado “Falando com você”, com o objetivo de discutir assuntos que eram de interesse das mulheres e suas famílias, iniciou em 1988. Assuntos relativos à fé, saúde, psicologia, comportamento foram abordados.

Na década de 1990, a OASE organizou congressos nacionais e teve vários encontros de lideranças regionais que trabalharam na unificação e consolidação dessa grande organização de mulheres. Em 1996, no terceiro congresso nacional em Curitiba, as mulheres escolheram “Jesus Cristo é Rei e Senhor” como o hino da OASE, que para muitos grupos já era o hino identificador.

Num olhar mais de perto para a OASE atual, podemos dizer que em torno de 25 a 30 mulheres se reúnem em congregações para estudar a Bíblia, fazer trabalhos manuais, que são vendidos em bazares, e organizar chás para angariar fundos. De

---

<sup>10</sup> OASE. **OASE: Quê? Como?** Guia de Comunhão, Testemunho e Serviço. 2000. p. 9.

<sup>11</sup> OASE, 2000, p. 9.

<sup>12</sup> Chama a atenção que *Frauen* foi traduzido para *senhoras* e não *mulheres*. Talvez isso seja porque se queria diferenciar a palavra “mulheres” da palavra alemã *Weib*, que poderia ser subentendido como uma palavra pejorativa. Nesse sentido, a palavra *senhora* significa uma mulher casada e serviria melhor. Em geral, uma mulher solteira não fazia parte da OASE, a não ser que fosse uma mulher solteira mais velha.

acordo com as mulheres “O Evangelho é o fundamento da OASE e o amor de Cristo é o seu combustível”. O distintivo da OASE (e a maioria das mulheres que pertencem ao grupo o usam) é uma cruz âncora numa base azul. O significado do azul é a fidelidade e o branco representa a união de todas as cores e expressa alegria, paz e pureza. As mulheres da OASE confessam que “Jesus Cristo é nossa esperança, luz, paz, alegria e justiça. Nós queremos ser fiéis e transmitir essa mensagem para o mundo em palavras e ações”. Precisamos destacar também o *Roteiro da OASE*, material publicado anualmente e que tem servido como importante subsídio para os grupos de OASE em todo o Brasil. O *Roteiro* traz meditações, reflexões, estudos bíblicos, sugestões de celebrações e trabalhos manuais.

As mudanças sociais e econômicas das últimas décadas ocasionaram a entrada das mulheres no campo de trabalho. Isso fez com que as mulheres tivessem menos tempo e interesse em se encontrar em grupos tradicionais na maneira que suas mães e avós faziam. Para acomodar as necessidades e interesses da nova geração de mulheres, os grupos da OASE, em vários lugares, organizaram os encontros à noite. Alguns grupos introduziram assuntos como libertação de mulheres e outros temas de interesse para mulheres numa sociedade em mudança. Tornou-se uma prática em alguns grupos da OASE promover seminários abertos sobre assuntos relativos à fé, saúde e outros. Por exemplo, o grupo de OASE de uma das comunidades do Vale do Rio dos Sinos teve um seminário aberto em Guaíba, em agosto de 2008, onde se reuniram 215 pessoas para uma conferência com Gottfried Brakemeier sobre o tema “A compreensão do Espírito Santo no testemunho bíblico, na tradição luterana e no movimento carismático”. Sem dúvida, isso mostra uma abertura dos grupos da OASE para acomodar mulheres que não são parte do grupo e que pensam diferente. Também há encontros nos quais homens são convidados. No Encontro Nacional da OASE em 2009<sup>13</sup>, foi observado que as mulheres têm uma abertura maior para discutir assuntos relativos a gênero. De acordo com Sabrina Bolla, isso se deve à nova geração de mulheres que está fazendo parte da OASE.<sup>14</sup>

## **Irmandade Evangélica Luterana**

No início da colonização, os pastores relatavam as dificuldades enfrentadas nas colônias e solicitaram que a igreja da Alemanha enviasse Irmãs para trabalharem no Brasil. As duas primeiras Irmãs vindas da Alemanha chegaram em Blumenau/SC no ano de 1909, sendo seguidas por outras sete em 1913. Elas se dedicaram ao trabalho em comunidades e hospitais.

---

<sup>13</sup> 10-14/03/2009, em Goiás, Mato Grosso.

<sup>14</sup> Entrevista com Sabrina Bolla, 22/04/2009.

Para atender a grande demanda de diaconisas no exterior, foi fundada, em 1908, uma nova escola de formação de Irmãs na Alemanha<sup>15</sup>, tendo como objetivo primário capacitar Irmãs a trabalhar como enfermeiras, professoras e edificadoras de comunidades. Em 1937, havia noventa Irmãs trabalhando no Brasil, muitas nascidas e formadas na Alemanha, mas também já havia algumas nascidas no Brasil e formadas na Alemanha.

A necessidade de haver uma escola de Irmãs no Brasil foi se tornando cada vez mais urgente. Compreendendo essa necessidade e assumindo sua missão de ajuda, a OASE brasileira debateu o assunto em sua reunião geral em 1938, em Santa Cruz do Sul/RS, e aceitou apoiar a ideia de construir uma escola destinada à formação de Irmãs. A fundação e construção jamais teriam sido possíveis sem o trabalho e o apoio da OASE. Então, no dia 17 de maio de 1939, a Casa Matriz de Diaconisas foi oficialmente inaugurada. Por integrarem uma Irmandade, ficaram conhecidas como diaconisas e Irmãs.<sup>16</sup>

As Irmãs tiveram uma contribuição importante em tudo o que realizaram. Muitas mulheres só sobreviveram ao parto graças ao conhecimento e à ajuda das Irmãs luteranas. Seu trabalho nos hospitais foi notável. Além de trabalhar como enfermeiras, elas também trouxeram conforto, oração e a palavra de Deus às vidas dos pacientes e suas famílias. Nas escolas e especialmente na educação infantil, as primeiras Irmãs auxiliaram a expandir as tradições alemãs e até a divulgar a ideia de superioridade alemã, uma das razões pelas quais tiveram de deixar suas posições no ensino durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1974, a Irmandade inaugurou o Seminário Bíblico Diaconal, para preparar mulheres, e depois também homens, para trabalharem como diáconos e diáconas na igreja. Muitas pessoas se formaram nessa escola até o seu fechamento em 1999, quando a tarefa de educar futuros diáconos e diáconas foi repassada à Escola Superior de Teologia (EST).

As Irmãs trabalharam e continuam trabalhando até hoje nas áreas de ensino, nutrição, geriatria e enfermagem. Porém, podemos notar formas de trabalho “subversivas”, como ajudar as mulheres a encontrar a sua autoestima, ensinar as pessoas empobrecidas a desenvolver novos talentos e ensinar remédios caseiros e técnicas de agricultura orgânica.<sup>17</sup> O trabalho das Irmãs luteranas brasileiras foi importante também no exterior, onde diversos projetos missionários foram desenvolvidos em conjunto com outras igrejas cristãs. Em 2004, o assassinato da diaconisa brasileira Doraci Edinger, em Moçambique, chocou a Irmandade e toda a IECLB. Ela havia sido enviada para um trabalho entre as pessoas empobrecidas daquele

---

<sup>15</sup> Fundada em 1908, em Wittemberg, Alemanha, essa casa tinha a tarefa de formar Irmãs para as missões no exterior.

<sup>16</sup> Na língua alemã, elas eram chamadas de *Schwester*, e na língua portuguesa de *irmãs*. Na IECLB ambas as palavras foram utilizadas.

<sup>17</sup> Veja BEULKE, Gisela; BRAKEMEIER, Ruthild. **Multiplicando o Cuidado e a Paz: 70 anos da Casa Matriz de Diaconisas – Irmandade Evangélica Luterana**, 2009.

país em parceria com a Igreja Luterana de Moçambique. Tanto a vida quanto a fé, o testemunho e o trabalho da Irmã Doraci foram um exemplo de doação realizada pelas Irmãs e contribuiu para o fortalecimento do trabalho das Irmãs e de toda a igreja. Sem dúvida alguma, a importância da Irmandade luterana é enaltecida pelas comunidades, pelas organizações sociais e pela sociedade em geral.

## **“Frau Pfarrer”, a esposa do pastor**

Neste estudo, não podemos deixar de mencionar uma figura importante na IECLB: a “Frau Pfarrer”, literalmente “a esposa do pastor”. Era esperado que ela, em certas situações, trabalhasse tanto como os pastores.<sup>18</sup> Ela, como esposa do pastor, era o motor que movia e direcionava as atividades do grupo de mulheres, do coral, do grupo de estudos bíblicos, da educação religiosa infantil, entre outros. Ela deveria arrumar tudo o que o pastor precisava: camisas limpas e perfeitamente bem-passadas, crianças bem-educadas e um lar em ordem. Em muitos casos, as mulheres que assumiam esse papel o faziam com tanto vigor que, até depois de sua partida, as regras impostas às comunidades continuavam sendo respeitadas. O ideal da esposa do pastor pode ser traçado de volta aos tempos da Reforma e o estabelecimento da casa pastoral – “[...] a casa do pastor era uma instituição, porque ali, no centro da comunidade, o pastor e a sua esposa viviam com seus filhos o matrimônio como um chamado de Deus, conforme a doutrina da reforma. [...] Como ordem de Deus para a criação o matrimônio era uma tarefa, Berufung und Beruf, vocação e profissão”.<sup>19</sup>

Agir dessa maneira nem sempre foi a escolha das mulheres que se casaram com pastores. Na verdade, muitas acreditavam que não podia ser diferente – tudo vinha com o pacote, e naturalmente cada uma queria desempenhar o “seu” papel da melhor forma possível. Algumas até fizeram aulas de como ser esposas perfeitas para um pastor. Quando as mulheres começaram a não se conformar com as expectativas, saindo de casa para ter empregos próprios, houve sérias retaliações: as comunidades reclamavam, as outras esposas de pastores comentavam e as mulheres da comunidade tinham pena dos pastores.<sup>20</sup>

Hoje, como no restante da sociedade, temos uma enorme diversidade em relação às mulheres casadas com pastores. Ainda assim, muitas comunidades continuam sonhando com as “esposas perfeitas” – a ideia de ter que pagar por um pastor e ter uma mulher para trabalhar de graça sempre foi um bom negócio. Isso cria algumas dificuldades entre obreiros e obreiras dos diversos ministérios. Não

---

<sup>18</sup> DREHER, 2007, p. 102-103.

<sup>19</sup> Veja SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; SCHMIEDT STRECK, Valburga. A esposa do Pastor: identidade entre família, profissão e igreja. *Estudos Teológicos*, ano 35, n. 2, p. 133-145, 1995. p. 133.

<sup>20</sup> É importante lembrar que até os anos 1960 os pastores precisavam de uma licença especial da direção da igreja para casar. Esperava-se que a futura esposa falasse a língua alemã e que sabia tocar órgão.

só as pastoras se tornam mais onerosas (por não ter uma mulher para oferecer que faça o trabalho gratuitamente), mas os membros de outros ministérios (como os catequistas e os diáconos) perdem suas funções para o trabalho da esposa do pastor.

O fato de que muitas das mulheres casadas com pastores trabalham fora de casa não significa que a maioria das famílias pastorais deixou de reproduzir uma hierarquia familiar tradicionalmente patriarcal, com o pastor no comando da casa e a esposa responsável por todo o resto. Isso pode acontecer em resposta às expectativas dos/as paroquianos/as bem como se torna uma maneira de manter um *status* na comunidade e sociedade.

## Mulheres nos estudos teológicos

Mulheres da IECLB ingressaram nos estudos teológicos como consequência das transformações na sociedade da época. O Brasil, bem como outros países latino-americanos, sofria com a ditadura militar e por todo lugar surgiram vozes pedindo por justiça e libertação. Nos estudos teológicos, houve a necessidade de interpretar a Bíblia com uma nova perspectiva hermenêutica, o método histórico-crítico. Quase todas as primeiras alunas que ingressaram no curso de Teologia vieram do Instituto Pré-Teológico (IPT), surpreendentemente não encontrando nenhum tipo de resistência por parte dos professores, todos homens alemães, que acharam aquilo normal.<sup>21</sup> Porém, os professores concordaram que mulheres não deveriam ter o mesmo nível de responsabilidade do que os homens. A primeira mulher a ingressar no estudo de Teologia foi Elisabeth Dietschi, iniciando seus estudos em março de 1966. Ela havia terminado seus estudos no Instituto Pré-Teológico quando foi convidada por um de seus professores a estudar Teologia. Sua graduação no curso de Teologia aconteceu em 1970, sendo então enviada para a Alemanha a fim de aprofundar seus estudos. Ela deveria estudar o trabalho com grupos de mulheres para então voltar ao Brasil e trabalhar com a OASE. Durante esse tempo na Alemanha, Elisabeth casou e foi ordenada na igreja luterana daquele país.

A segunda mulher a estudar Teologia foi Lorita Manske. Ela era uma participante ativa no grupo de juventude evangélica de sua comunidade quando soube da possibilidade de estudar Teologia. Lorita iniciou seus estudos em 1967 e, após dois anos de estudo, em novembro de 1969, no entanto, ela abandonou o curso de Teologia, jamais retornando para finalizá-lo. Em 1971, Rita Marta Panke ingressou na Faculdade de Teologia, formando-se em 1976 e tornando-se a primeira mulher a ser instalada como pastora na IECLB, em Candelária, no RS. Por diversos motivos, sua ordenação ao ministério pastoral aconteceu somente em 20 de abril de 1983.

---

<sup>21</sup> Entrevista com Gottfried Brakemeier, apud KLEN, Vânia Moreira; ZIRBEL, Ilze. **As Mulheres em Direção ao Estudo Teológico**. 1994. Trabalho Semestral – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1994. p. 16.

Um ano antes, em 13 de novembro de 1982, havia sido ordenada a primeira pastora na IECLB: Edna Mogga Ramminger.<sup>22</sup>

Embora as mulheres tivessem acesso ao curso de Teologia, a igreja não sabia exatamente o que fazer com elas.<sup>23</sup> Em documentos da igreja não há nenhuma proibição do estudo de Teologia para mulheres nem de sua ordenação como pastoras, embora, por certo tempo, houvesse restrições quanto ao número de mulheres a ingressar no estudo de Teologia, sendo que somente 10% dos estudantes iniciando o curso de Teologia anualmente podiam ser mulheres. Um dos fatores que justificavam tal medida era o temor de que pudesse haver uma repentina falta de pastores/as na IECLB, pois se acreditava que as mulheres abandonariam o curso ao se casar e também que não conseguiriam administrar as responsabilidades de uma paróquia. Além disso, por causa da distância entre as comunidades que elas precisavam atender, seria difícil, senão impossível, para uma pastora atender às suas tarefas e cuidar de sua família – a tarefa básica de uma mulher – ao mesmo tempo.<sup>24</sup>

Durante as décadas de 1980 e 1990, finalmente as mulheres conquistaram seu espaço e respeito. A teologia feminista tornou-se um meio de refletir e de praticar teologia incluindo também o saber e a experiência das mulheres. A fundação do Grupo de Mulheres da Faculdade de Teologia-EST foi, sem a menor dúvida, um espaço para crescimento, apoio, resistência e luta para as estudantes. O grupo começou a se encontrar em 1978 e a partir de 1981 houve reuniões regulares. A partir de reflexões na Primeira Semana Acadêmica do CADES, em 1985, foi organizado um grupo de homens e mulheres – Comissão pró-teóloga –, responsável por planejar uma série de atividades e estudos com o intuito de tornar a teologia feminista uma área oficial de estudos no currículo da EST. Em 1990, depois de muita luta, foi criada a cadeira de Teologia Feminista, sendo uma das maiores conquistas da organização de mulheres da EST. Com essa decisão, a teologia feminista deixou de ser apenas uma atividade de interesse das mulheres para se tornar parte do currículo oficial da faculdade. É importante ressaltar que, apesar dessa conquista, isso não significou que todas as estudantes se tornaram feministas, muito menos que a maioria dos estudantes se deixou influenciar e desafiar por tais estudos, mas certamente significou e significa muito para a grande maioria das mulheres e para boa parte dos homens, além de também refletir na maneira da igreja participar na missão de Deus neste mundo.

Precisamos mencionar aqui também que a partir da cadeira de Teologia Feminista foi criado o Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), ligado ao Instituto

---

<sup>22</sup> NEUENFELDT, Elaine Gledi. **Encontros e Conversas** – pela cultura de paz e superação da violência doméstica. Cartilha de Estudos e Celebrações – IECLB/Fórum da Mulher Luterana. São Leopoldo: Contexto, 2007. p. 9.

<sup>23</sup> Carta de Lindolfo Weingärtner, apud KLEN & ZIRBEL, 1994, p. 21.

<sup>24</sup> Mesmo assumindo a função de pastora, ainda era inquestionável o dever da mulher de ser boa esposa, boa mãe e boa dona-de-casa. Infelizmente, essas expectativas e essa carga continuam pesando sobre as mulheres até hoje.

Ecumênico de Pós-Graduação. O NPG é um órgão que busca a produção coletiva de conhecimento através do estudo das relações de gênero.

Hoje, é difícil imaginar os estudos teológicos sem as mulheres. Isso não quer dizer que não haja problemas, mas pelo menos os problemas não são mais invisíveis. Um aspecto que precisa de estudos mais aprofundados é a falta de interesse das estudantes nas questões de gênero na igreja. Muitas delas acreditam que tudo já foi conquistado, o que infelizmente não é verdade. Além disso, existe um novo movimento fundamentalista que aceita a participação de mulheres contanto que “fiquem em seus devidos lugares”, ou seja, no serviço e não na liderança.

Além das mulheres trabalhando em paróquias, hoje temos também na IECLB um bom número de mulheres com pós-graduação, contribuindo para a sistematização do saber em pesquisas teológicas locais, nacionais e internacionais.

## Mulheres no ministério pastoral

Como já mencionado, a primeira mulher a ser enviada para trabalhar efetivamente como pastora em uma paróquia da IECLB foi Rita Marta Panke, em 1976. Embora o trabalho das mulheres no ministério pastoral e a sua ordenação sejam oficialmente reconhecidos e praticados pela igreja, as experiências das mulheres no ministério pastoral nem sempre foram fáceis ou agradáveis, sendo que ainda existem muitas comunidades resistentes ao trabalho das pastoras. Há hoje 304 mulheres ordenadas trabalhando nos diversos ministérios da igreja: 27 diaconisas, 56 catequistas, 64 diaconas, 9 missionárias e 148 pastoras.

Mulheres no ministério reconhecem que a ordenação não lhes dá nenhum poder especial, mas um poder para dividir de acordo com o Evangelho. Nesse aspecto, as pastoras contribuíram com a reflexão em relação ao trabalho das mulheres na igreja – questões como violência doméstica, patriarcado e direitos humanos das mulheres se tornaram parte da agenda da igreja com a voz e o testemunho delas. A presença e o trabalho das mulheres no ministério também ajudaram a abrir caminhos para a eleição de mulheres para cargos de liderança dentro da igreja.

Mulheres no ministério sempre tiveram e ainda têm experiências diferentes: experiências de aceitação e de rejeição; de amor e de ódio; de beleza e de feiúra. O que as une, no entanto, é o forte sentimento de que estão fora do “seu lugar”.

Em geral, o que se apresenta como um grande problema para as mulheres no ministério é o sentimento de culpa. Culpa por provocar rupturas nas tradições, por sentir que não estão fazendo o suficiente, por não *serem* o suficiente. Quando as mulheres não têm consciência do desequilíbrio entre gêneros na igreja e sociedade, elas tendem a entender a rejeição sofrida como se fosse dirigida unicamente a elas. O que acontece, no entanto, é uma rejeição ao fato de ser mulher desempenhando tal função. Seria da mesma maneira com qualquer outra pastora. O grande desafio para as pastoras é se organizarem e continuarem caminhando, carregando suas dores

e sofrimentos junto com suas esperanças e sonhos. Ainda há um longo caminho a percorrer até que *todas* as pastoras sejam respeitadas e valorizadas no seu ministério.

Mesmo com dificuldades, o trabalho pastoral das mulheres está auxiliando e motivando transformações do jeito de ser e de viver das comunidades. Em toda a igreja, mulheres estão descobrindo seus talentos e sendo incentivadas a assumir cargos de liderança em vez de continuar somente nas funções de servir. Homens estão aprendendo a respeitar as opiniões e a ouvir as vozes das mulheres.

Em celebração ao Dia Internacional da Mulher de 2009, a P<sup>a</sup> Margarete Emma Engelbrecht foi entrevistada pela revista *on-line* SRZD-Fé. Quando questionada sobre as dificuldades que as comunidades têm em aceitar pastoras, ela respondeu:

Eu não fui aceita em alguns campos de trabalho para o qual eu me candidatei antes de vir para cá. E tenho consciência de que foram escolhas a partir de gênero. Se mulheres cometem algum erro, diz-se que “fecharam” o campo para trabalho feminino. Se homens erram, não se evoca o gênero masculino como sendo “fator de risco”. Entendo que as comunidades refletem a cultura que vivem. E temos exemplo, em outras tantas profissões ou mesmo na divisão de tarefas em casa, da discriminação da mulher. A igreja, como instituição, tenta romper com essas realidades. Mas é difícil romper com tradições e com valores mantidos por gerações. Como são as comunidades que escolhem os pastores e pastoras, a última palavra é de pessoas das comunidades, que muitas vezes vivenciam o preconceito em suas próprias vidas. E, às vezes, é melhor manter o preconceito do que se expor à mudança de comportamento<sup>25</sup>.

Essa entrevista revela um fato que é claro a todas as pastoras: uma mulher precisa trabalhar duas vezes mais que um homem apenas para ser aceita. A aceitação ou rejeição dos pastores não tem nenhuma ligação com o fato de eles serem homens. E aqui encontramos uma armadilha perigosa para as mulheres no ministério pastoral: a ideia e a necessidade de provar que são capazes de fazer o trabalho e fazê-lo bem feito.

Muita água passou debaixo da ponte desde que a primeira mulher começou a trabalhar como pastora. As primeiras mulheres no ministério tiveram que enfrentar muitos desafios. Sua determinação, coragem e testemunho ajudaram a abrir novos caminhos para as mulheres que vieram depois delas, mas ainda estamos trabalhando em maneiras de melhor divulgar o trabalho das mulheres no ministério pastoral.

## **Fórum de Reflexão da Mulher Luterana**

Em 1990, a Primeira Assembleia da Federação Luterana Mundial foi realizada em Curitiba/PR, onde um espaço privilegiado foi arranjado para as mulheres,

---

<sup>25</sup> Entrevista para a Revista *on-line* SRZD-Fé. A íntegra da entrevista pode ser encontrada em <[www.luteranos.com.br](http://www.luteranos.com.br)>.

chamado de “Recanto”. Para a surpresa de muitas mulheres brasileiras, ao lado da OASE havia outros grupos de mulheres luteranas sem que houvesse um conhecimento mútuo de sua existência. Para mencionar alguns desses grupos, citamos “mulheres das barragens”, “mulheres do GAPA (<http://www.gapa.org.br>) e mulheres pastoras, catequistas, diáconas, mulheres de agricultores e mulheres profissionais”. É interessante observar, conforme um membro da OASE, que subitamente as mulheres luteranas brasileiras se deram conta de que poderiam se encontrar e organizar grupos tendo interesses diferentes do grupo da OASE. Essa foi uma descoberta significativa para elas. Ao mesmo tempo, muitas mulheres sentiam a necessidade de ter uma oportunidade especial para congregar todos esses grupos em um fórum para discutir assuntos de interesse comum e criar uma rede. Ainda durante a Assembleia, as mulheres decidiram ter uma reunião com os diferentes grupos. O primeiro encontro aconteceu em 1991, na Casa Matriz em São Leopoldo/RS. Um dos assuntos discutidos durante vários anos de encontros como Fórum foi mudar a política de representação de mulheres na igreja. A representação oficial até então tem sido uma mulher da OASE. Infelizmente, em vinte anos, essa política nunca mudou e a OASE continua sendo o único grupo que tem uma representação oficial na liderança da igreja.

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana também tem discutido amplamente a possibilidade de ter uma secretaria da mulher na IECLB. O assunto “mulher” tem sido parte da secretaria de Missão, que congrega grupos como o COMIN (Comissão de Missão entre os Índios) e outros. Depois do quarto ano de existência do Fórum, a OASE sentiu-se ameaçada e se retirou. O argumento usado foi de que era um grupo independente e queria continuar como tal. A OASE também se posicionou contra uma secretaria da mulher na igreja.<sup>26</sup> Entretanto, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana continua se encontrando como um grupo diversificado e iniciou discussões de assuntos que são difíceis de discutir na igreja como: sexualidade, identidade, violência contra a mulher e crianças, aborto e outros. O Fórum sempre teve assessorias de voluntárias, em especial na área de assuntos discutidos. Esse grupo não tem uma estrutura e também não possui recursos para financiar os encontros. As mulheres que participam pagam suas viagens e estadia. Uma vez ao ano, o Fórum recebe uma parte da oferta dominical feita nas comunidades da IECLB e destinada ao trabalho com as mulheres na igreja. O resultado dessa oferta é repartido com a OASE.

Com o passar do tempo, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana ganhou credibilidade junto à Federação Luterana Mundial e o Conselho Mundial de Igrejas, e quando há um projeto especial, essas entidades o financiam. Em 2002, o encontro foi sobre “Água” e participaram mulheres de todo o país.<sup>27</sup> Importante mencionar

---

<sup>26</sup> Entrevista com Vera Roth May, em 13.05. 2009.

<sup>27</sup> O mesmo assunto foi o tema do Dia Sinodal da Igreja do Sinodo Rio dos Sinos.

ainda que a publicação da cartilha *Violência contra Mulheres* foi realizada com o apoio da Federação Luterana Mundial. Também o diálogo com mulheres de outras denominações religiosas, chamado Grupo Colmeia, foi realizado e apoiado pelo Conselho Mundial de Igrejas.<sup>28</sup> Havia também um espaço no jornal da igreja – JOREV (Jornal Evangélico) –, onde assuntos prementes eram discutidos depois de uma pesquisa feita com membros. Infelizmente o jornal mudou seu esquema e o espaço foi perdido.<sup>29</sup> Algo semelhante aconteceu com o programa de rádio. O último encontro do Fórum foi em 2005.

## **Grupo Assessor de Assuntos de Gênero**

Desde o início de seu mandato, o presidente da IECLB Walter Altmann constituiu grupos assessores relacionados com a presidência com o objetivo de ajudar em “qualificar as ações nas diferentes áreas” e providenciar *input* relevante para a administração. Essa resolução foi aprovada pelo Conselho da Igreja com o endosso dos sínodos e de outras instituições da igreja. Sete pessoas foram indicadas para cada grupo e mais três pessoas como suplentes. As pessoas foram escolhidas de acordo com suas qualificações e os assuntos discutidos por esses grupos são indicados pela direção da igreja. Todos os integrantes dos grupos são voluntários e se encontram pelo menos uma vez por ano. Um desses grupos é o *Grupo Assessor de Assuntos de Gênero*<sup>30</sup>, cuja tarefa é propor políticas sobre gênero tendo como referência o contexto da igreja bem como ajudar na implementação dessas práticas nas diferentes áreas. Entre as ações propostas estão:

– Ajudar a organizar e gerenciar um banco de dados com informações sobre pessoas que possam assessorar atividades e eventos sobre diferentes temáticas, sob o enfoque de gênero;

– Ajudar a produzir material informativo para assessorar as comunidades na sua reflexão sobre a temática de gênero;

– Ajudar a organizar um amplo programa educativo para a IECLB, que contemple homens e mulheres, sobre questões de relacionamento nos dias atuais, tanto na sociedade como na igreja;

– Ajudar a articular e fomentar o diálogo entre os grupos de mulheres da IECLB que promovem diferentes programas e atividades. Uma iniciativa viável é cadastrar as instituições e os programas existentes nas comunidades e nos sínodos que trabalham com apoio à mulher, descrevendo os tipos de atendimento, metodo-

---

<sup>28</sup> O Grupo Colmeia é integrado com a Ação Ecumênica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC.

<sup>29</sup> A revista *Novolhar* da IECLB não possui um espaço especial para assuntos de mulheres, no entanto estão abertos para sugestões do grupo de mulheres.

<sup>30</sup> Os outros grupos são Teologia e Confissão, Missão, Ecumenismo, Responsabilidade Pública e Questões Étnicas.

logia de trabalho, etc. O objetivo dessa iniciativa deverá ser a de fomentar a troca de informações e a busca de apoios para as diferentes iniciativas. Entre as ações estão:

- \* Estimular a formação de novas lideranças, que tenham a consciência e assumam o compromisso por um trabalho partilhado. Solicitar aos sínodos que favoreçam as iniciativas das agentes sinodais e dos diferentes grupos de mulheres existentes em seu âmbito;

- \* Criar um grupo de apoio para mulheres que estão ou vivem em situações de risco, tanto na sociedade como na própria igreja. Neste ponto, deve-se buscar motivar as instituições e casas que trabalham com mulheres que sofrem violência, para que reavaliem constantemente suas ênfases e seus objetivos, favorecendo um bom atendimento às mesmas;

- \* Estimular a produção de material informativo para questões práticas, como a saúde da mulher, planejamento familiar, direitos da mulher, etc.

- \* Fomentar a participação das mulheres nas instâncias diretivas, em nível local, sinodal e nacional. Incentivar a cota de 40% de mulheres nos órgãos diretivos das diversas instâncias da igreja;

- \* Apoiar as paróquias e comunidades nos programas de educação para a paz e a não-violência, valorizando os grupos já existentes.<sup>31</sup>

Uma das ações do Grupo Assessor de Gênero em parceria com o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana foi a edição e publicação do material de estudos *Encontros e conversas pela cultura da paz e superação da violência doméstica* (veja Cartilha de Estudos e Celebrações, 2008).

Na mesma direção, após várias discussões sobre violência contra mulheres, foi criado “*Nem tão doce Lar*”<sup>32</sup>, uma exibição coordenada pela Fundação Luterana de Diaconia com o objetivo de denunciar a violência que acontece dentro da casa e entre a família. A exibição viaja para vários lugares tentando quebrar o silêncio sobre o assunto e desafiando as comunidades a apoiar as vítimas e as sobreviventes e, ao mesmo tempo, se engajar para mudanças na sociedade.

## Grupo de Gênero no Projeto: Tornando-se sério

Desde o início do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, as mulheres têm solicitado várias vezes uma secretaria da mulher na IECLB para discutir questões relativas a gênero e implementar ações e políticas de gênero. Essa ideia tinha apoio bem como também oposição devido aos diferentes entendimentos em relação ao assunto. Em 2005, foi feita uma proposta inicial, que em 2007 começou a ser implementada. Na igreja eram tomadas diferentes ações em relação à questão gênero e

---

<sup>31</sup> IECLB nº 100526/05. A última reunião foi realizada em 7 a 9 de maio de 2009, em São Leopoldo/RS.

<sup>32</sup> “Nem tão doce lar”, inspirado na exibição internacional criada pela antropóloga alemã Uma Hombrercher.

assim foi reconhecido que um ponto focal era necessário. Também foi reconhecido que não era suficiente só discutir o assunto gênero, mas também implementar ações, políticas e práticas com a questão de justiça de gênero. O projeto foi implementado em meados de 2008 e irá até 2011, sendo chamado “Projeto de Justiça de Gênero – Tornando-se sério”, e seus objetivos são os seguintes:

- Promover uma expressão continuada de gênero e justiça na vida da igreja e sociedade;
- Que a educação sobre gênero no âmbito da igreja seja promovida de forma consistente;
- Habilidade para identificar, conter e prevenir a violência intrafamiliar, que tem escalado significativamente;
- Promover aproximações positivas e dignas em relação à sexualidade humana como uma dádiva de Deus;
- Melhorar a justiça de gênero em questões de pessoal na igreja;
- Fomentar práticas de justiça de gênero no manejo das representações e nos recursos humanos;
- Que um enfoque seja dado para as várias organizações e iniciativas de mulheres dentro da igreja e que sejam criados espaços para esses dentro da estrutura eclesialística.<sup>33</sup>

Esse novo programa estará em constante discussão com as organizações de mulheres, a liga masculina, as organizações juvenis, com o objetivo de ter uma ampla plataforma que apoie e sustente “todo o objetivo dessa coordenação”. No primeiro ano, as principais ações serão:

- 1) Seminários anuais sobre assuntos mencionados nos objetivos;
- 2) Serviços de assessoria (direto bem como remoto) a grupos e processos relativos a assuntos de gênero;
- 3) Manejo de coordenação entre grupos, instituições e entre a Secretaria Geral da IECLB em assuntos relativos a gênero.

## **A questão homossexualidade na IECLB**

Nos últimos anos, várias igrejas e movimentos religiosos têm discutido a homossexualidade, apontando interpretações bíblicas bem como buscando entender a natureza do assunto através de perspectivas psicológicas e psiquiátricas. Na IECLB, o assunto homossexualidade foi e está sendo discutido por várias décadas e pode ser considerado um assunto premente, com vozes a favor e contra. Várias comunidades discutiram o assunto de uma perspectiva bíblica bem como de uma perspectiva científica e, aparentemente, não chegaram a um acordo nem a conclu-

---

<sup>33</sup> Veja documento DMD – PROJECT REQUEST. Entrevista com Sabrina Bolla, 22.04.2009.

sões. Esse assunto tem causado muito sofrimento tanto para indivíduos bem como familiares. A igreja tem se posicionado numa postura de entendimento e dado apoio e conforto através de perspectivas espirituais e diaconais e conclama a uma posição não-discriminatória aos membros que são homossexuais. Em 1Co 13, temos a passagem usada para mostrar que o amor deve prevalecer para todas as pessoas em todas as situações. No entanto, para o Ministério Ordenado Eclesiástico, no momento, não há viabilidade para ordenar um obreiro ou obreira homossexual.

Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesial na IECLB.<sup>34</sup>

O documento *Família, Matrimônio e Sexualidade Humana*, aprovado pela Federação Luterana Mundial em março de 2007, que contém o diálogo sobre o assunto da homossexualidade, também foi enviado para a/os pastora/es sinodais da IECLB e reuniões estão sendo realizadas para discutir o documento.

Mesmo que a teologia da libertação tenha encorajado muitas teologias como a teologia feminista, a teologia negra e outras, na América Latina os esforços para uma teologia *gay* não tiveram o mesmo sucesso das outras. Infelizmente os esforços feitos por alguns teólogos não tiveram essa visibilidade. Lembramos os grupos que trabalharam com HIV/AIDS e têm contribuído significativamente para apoiar ações e políticas bem como a refletir teoricamente sobre o assunto. Em São Leopoldo/RS, o grupo ecumênico *Celebração Inclusiva* foi criado como uma ONG e trabalha com HIV/AIDS. Esse grupo tem se encontrado regularmente para celebrar em conjunto. Na IECLB, o jovem teólogo André Musskopf<sup>35</sup> tem escrito e publicado livros sobre a teologia *gay* e sobre o ministério da igreja.

Suspeitamos que, no momento em que houver um grupo expressivo disposto a discutir o assunto, mudanças irão acontecer na igreja. O que vemos por enquanto é que a política “*Não fale, não pergunte*” funciona bem e que muitas pessoas se escondem atrás de uma máscara e sofrem em silêncio. De outra maneira, quem sabe perdem sua família e seu emprego.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/articles/7898/1/Posicionamento-referente-ao-Ministerio-Eclesiastico-e-homossexualidade/1.html>>. Acesso em: 05 maio 2009.

<sup>35</sup> Veja MUSSKOPF, André Sidnei. **Uma brecha no armário**: Propostas para uma teologia *gay*. São Leopoldo: Sinodal, 2002; MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa**: Homossexuais e o ministério da Igreja. São Leopoldo: OIKOS, 2005.

## **Conclusões**

Nos últimos anos, muito tem sido conquistado, não sem sofrimento e dor, e nada foi dado às mulheres. Nos últimos 40 anos, temos visto grandes mudanças sociais através da economia globalizada, novas formas de comunicação, movimentos sociais, entre os quais o movimento de libertação de mulheres, o avanço da biotecnologia, que abriram nossa sociedade patriarcal, trazendo mais igualdade de gênero entre mulheres e homens. No entanto, mesmo com todas essas mudanças, os padrões patriarcais ainda existem causando violência nos lares, na sociedade e na igreja. O assunto da erosão e do empobrecimento das famílias traz novos desafios e discussões para a pauta.

Neste mundo, a igreja está se movimentando e sendo desafiada de realidade em realidade. Nós reconhecemos que um trabalho significativo tem sido realizado pelos grupos de mulheres luteranas, cada um em sua área de ação. Muitas crianças e pessoas idosas têm sido beneficiadas por esse trabalho. Seja tricotando cobertores ou meias, orando ou cozinhando, as mulheres repartiram seu amor recebido de Deus. Outros grupos trabalharam para mudar as estruturas e para dar vozes aos que não têm voz e sofrem por causa da opressão patriarcal. Homens também estão começando a discutir questões de gênero, mesmo que de forma bastante tímida. Ainda há o mal-entendido de que gênero é um assunto de mulheres, quando de fato é um assunto de direitos humanos, e de que mudanças significativas irão acontecer somente quando todas as pessoas participarem.

Novamente ficou claro que as mulheres precisam trabalhar em conjunto e se empoderar para reclamar sua vez, para confiar nas suas experiências e para ter clareza sobre os seus objetivos. Além disso, as mulheres precisam trabalhar com outros grupos minoritários e encorajar os homens a entrar na discussão. As mudanças somente acontecem com o envolvimento de todas as pessoas e nunca são fáceis. As mudanças tiram-nos do nosso armário e nos expõe, mas elas não são apenas necessárias, mas são parte da vida cristã.

Como igreja, nós precisamos prestar atenção para o nosso discurso teológico e para a nossa prática teológica, não simplesmente incluindo histórias sobre mulheres ou honrando o “trabalho de suas mulheres”, mas precisamos confiar que as mulheres são capazes de refletir e ter seus próprios entendimentos. Por muito tempo foi dito às mulheres o que acreditar, como acreditar e como viver com a verdade de outros. Outro desafio importante que temos pela frente é o uso de linguagem inclusiva. Aqui a igreja está na frente da sociedade, mas precisa colocar mais ênfase nessa questão.

Olhando para todos os grupos e assuntos mencionados antes, estamos certas de que a escrita da história dos grupos de gênero da IECLB apenas está sendo iniciada. Mudanças levam um longo tempo, e no caminho para o reino, nós muitas vezes recebemos forças com outras pessoas, algumas vezes caminhamos lado a lado e outras vezes separadas. Mas uma coisa é certa: nós estamos caminhando, nós estamos nos movendo.

## Referências bibliográficas

- ALTMANN, Lori; JARSCHER, Haidi. **Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB**. São Paulo: Traço a Traço Editorial, 1992.
- BAESKE, Sybila. **Retalhos no tempo**. 100 anos da OASE – 1899-1999. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BALDUS, Dione Carla. **Historiografia do Grupo de Mulheres**. 2002. Trabalho de Conclusão [Bacharelado] – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002.
- BEULKE, Gisela; Brakemeier, Ruthild. **Multiplicando o cuidado e a paz: 70 anos Casa Matriz de Diaconisas – Irmandade Evangélica Luterana**, 2009.
- BRAKEMEIER, Ruthild. **O surgimento de um modelo de diaconato feminino**, em implantação no Brasil e perspectiva para o futuro. 1998. Dissertação [Mestrado] – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.
- DREHER, Scheila dos Santos. **“O Pontinho da Balança”**: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público. 2007. Dissertação [Mestrado] – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.
- HERTEL, Hulda. **Diaconia Evangélica Feminina no Brasil, 1912-1939**. 1990. Trabalho Semestral – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1990. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/articles/7898/1/Posicionamento-referente-ao-Ministerio-Eclesiastico-e-homossexualidade/1.html>>. Acesso em: 05 maio 2009.
- KLEN, Vânia Moreira; ZIRBEL, Ilze. **As Mulheres em Direção ao Estudo Teológico**. 1994. Trabalho Semestral – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1994.
- MUSSKOPF, André Sidnei. **Uma brecha no armário**: Propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa**: Homossexuais e o ministério da Igreja. São Leopoldo: OIKOS, 2005.
- NEUENFELDT, Elaine Gleci. **Encontros e Conversas** – pela cultura de paz e superação da violência doméstica. Cartilha de Estudos e Celebrações – IECLB/ Fórum da Mulher Luterana. São Leopoldo: Contexto, 2007.
- OASE. **OASE: Quê? Como?** – Guia de Comunhão, Testemunho e Serviço. 2000.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; SCHMIEDT STRECK, Valburga. **A esposa do Pastor: Identidade entre família, profissão e igreja**. **Estudos Teológicos**, ano 35, n. 2, p. 133-145, 1995.